

Minha terra,

Há quem ponha em dúvida a lenda do paraíso
lago, de que os animais, ao sentirem a aproximação de morte,
procuram o torrão natal para aí dormirem o seu último sono.
Não me conta esse número. Antes, acho para mim, como mais
to possível, que isso ~~seja~~ aconteça, porque a atração do tor-
rão natal, ao menos para o homem, é um fato incontável.
Por efeito, a terra do nosso nascimento exerce sobre nós um ver-
dadeiro fascínio, que não amortece, muito menos, obsoletam as
impressões posteriores, colhidas aqui e ali, em outras paisagens, pela
vida afóra. Assim, não admira que muitos, em seus últimos dias
de vida, manifestem a vontade de repousar no local onde passaram
a sua infância.

Não é um simples motivo poético o que levou os
berceiros a cantarem as belezas de seu berço, a exaltarem encau-
tos do seu rincão ~~materno~~ onde abriram os olhos para o mun-
do. É um sentimento mais profundo, que ^{tem} ~~encontra~~ raízes subterrá-
neas e que se identificam com a própria natureza humana. Não é,
de outro modo, que se replicam as endechas sentidas de os
fontalres deus em de um caminho de alven, quando, saídos
de Pátria, extravasaram as suas saudades em verdadeiros ti-
mos de louvor à terra em que nasceram.

A filosofia imortalista dos que proclamam a verda-
dade do axioma latino - Ubi bene, ibi patria - não tem sen-
tido. Contrapõe-se aos ditames da alma humana, sempre ape-
gada às impressões da primeira infância.

Itas reflexões me ocorrem justamente no momento
em que me festeja mais um aniversário de minha vida
de e amada cidadezinha de Pádua, tão conhecida dos poderes
públicos, mas tão cheia de apeto de seus legítimos filhos.

Não se esqueceram de meus olhos os quadros pai-
sagens de sua vida pacata; de suas fontes milagrosas; de seu
jardim sombreado por velhas árvores, onde, a mim todo, está

ta e sagra matriz, toda calcada de traços, de seus grupos
múltiplos e giúncios, que tantas gerações têm preparado para
a vida; de suas casinhas modestas mas confortáveis, ainda aos
deprimidos pelo gosto extravagante de arquitetura moderna. São
dunas em papel esplêndido, as colinas verdes, de um verde
esverdeado, a provar a temperança de vegetação, em contraste flo-
grante com o azul de um céu sem nuvens.

Base panorâmica ~~estrutural~~, ^{estrutural}, já ^{de} ~~se~~ encantador, mas
estaria completo, se lhe faltasse a ponte que liga as duas
partes de cidade, onde casais jovens tecem ~~intensas~~ ^{à tarde,}
seus idílios, ^{à tarde,} ~~tenham~~ o Pomba rote as suas águas cristalinas
e mansas, o velho Pomba de tantas recordações, e que,
se lhe faltarem as ondinhas do Riacho, não lhe subjugam
as lóas dos poetas que tiveram a ventura de ver as
marés em suas águas.

Mas que tudo isto, uma referência especial merece
à sua gente anfitriã, pacífica e laboriosa, que conserva as
tradições de honestidade, de bondade e de ternura, que bem reflectem
as qualidades intactas de povo fluminense.

Mas que poderia faltar a esse homenagem, há de
embora, que daqui, de metrópole do Estado, sendo a maior
cidade que insigneável, sede do município onde vive. Mas
mas também os seus ^{contemporâneos} ~~patrimônios~~ de retrô, mas em direção
que a cidade faz sempre terra conservada sempre agitada
em ^{aspecto} ~~seu~~ simples e bucólica, que guarda as retias, desde
a infância, e que a sua mais demonstrativa de progresso mas
que alterasse a fisionomia primitiva que a ~~retrô~~ ^o ~~retrô~~ ^o
centro dos seus ^{reminiscências}.

~~Repetição~~

Suno. L. Director do Liceu

O mar.

As ondas espregueçam-se na areia, lambendo as pedras limosas da praia. Ao longe, impellido pelo vento, que canta nas velas, numa entaracada passa, saltando, na lombada das ondas. São os intemperatos pescadores, que vão mar em fora, em busca do peixe, que a civilização afugenta da baía. ^{Por alguma} Vão esparracarem a majestade da sandade que o ha de testar, dentro em pouco, cantam umas canções brutas, que soluçam aos nos por choros, como queixos e lamentos.

A areia reluz, lha aos brijos que entre do sol; crianças brincam, acompanhando o vaivém contínuo das ondas; bambulas estiram-se, de fio comprido, na praia, numa atitude suspensa de presença.

Outros se retiram, molhados, levando na pele requemada sinais evidentes da longa permanencia no banho.

O sol inclina-se para o occidente. Dece a tarde, envolvente. Tudo no seu albor, noz de bristage e luz. A praia está direita.

Subite uma onda extrema, outra mais, mais outra. São as emissões da resaca.

Na galharia ^{pratos em bruto.} ~~com mar,~~ as precipitam de encontro ao cas, com um fragor de esurdecer.

Espadando-se de forte muralha

de pedra que a encerra, a água vai molhar, mas, águas, as jessas, que acomeçam por assistir ao assombroso espetáculo.

Do ^{distante} longe, uma Costa, quase desmoronada, luta ainda contra a fúria do oceano, envolvido com o vento, na sua perdição.

O mar apresenta-nos o espetáculo eterno da vida, com as suas horas de calma e sossego, de revolta e inquietação.

Estância 122

(Ela) exjeta os talamios desajados de outras ambrosias belas e princesas, que (porquê) tu, para a vida, da prosperidade do empino, quando um gesto suave te suscita. velha pai sempre que respeita o amor-morador o pro, atendendo estas maravilhas estranhas, a fantasia do filho, que não queira casar. determina teran este o mundo.

A velha faces de negotologia assumem as propriedades de aparente realidade, quando contemplamos de aspectos que o mar nos apreza. Porém havendo no meio um genio oculto, de um gigante lendário, que ora acarinha, ora apete a luz. Vala velha Natureza da creação heleica.

A imagem que ele nos apresenta, com as suas horas de calma e sossego, de revolta e inquietação, é eterno espetáculo da vida.

O sol

É o centro do nosso sistema planetário.

Os antigos, iludidos pela aparência de movimento, pensavam que a terra estava fixa e que o sol girava em torno dela.

Galileu, com a experiência do pendulo, demonstrou o contrario. É a terra que se movimenta em torno do sol.

Além da luz que ele nos dá, permitindo-nos a visão das coisas, fornece-nos o calor necessário à vida dos seres animados.

Nos polos, se falta a luz do sol, há, em compensação, as auroras polares, que aclaram suficientemente os horizontes, tornando possível o trabalho do homem.

Ele foi objeto de um culto especial dos antigos. Os gregos adoravam-no sob a denominação de Apolo.

É o relógio dos povos, marcando-lhe as horas de trabalho e de repouso.

A natureza parece triste no dia, em que ele não aparece.

Os passaros despertam para sandá-lis; os animais buscam os passeios verdejantes; os homens dirigem-se ao campo.

Enfim, com a volta do sol, pela manhã, tudo se reanima.

O trabalho recomeça.

Deus

A ideia de Deus existe em todos os povos,
e se manifesta imperfeitamente.

Podemos encontrar provas em leis, em
costumes, deficiências de governo, em hato-
tos regulares de vinda, mas também de
colúmbios, em que há também a
concepção embriônica de um agente
sobrenatural, de um ser perfeito, a
sua própria vida.

Seja o Anu de Egito, ou Osiris de
Pérsia, o Moloch de Fenícia, ou o
Zeus dos Gregos, o Júpiter dos Romanos,
ou o Deus dos Cristãos, não importa
o nome, a ideia da divindade re-
salta logo à primeira vista.

A natureza humana é incapaz
para explicar seus problemas que são
eternos pontos de interrogação para a
nossa inteligência, como a origem de mate-
ria, da alma, de harmonias admiráveis
que se nota em natureza.

A religião cristã é a mais perfeita
de todas, porque dá de Deus a mais
imagem mais perfeita.

Atribua-lhe, com justiça, todas as pa-
feições. Mas não creia mister que Deus se tenha
se revelado ao homem, para ter esta
única missão de ser seu juiz. A
propria razão humana os distribuiu,
na extraordinária obra de criação.

O sol

É o centro do nosso sistema planetário.

Os antigos, iludidos pela aparência do movimento, pensavam que a terra estava fixa e que o sol girava em torno dela.

Galileu, com a experiência do pêndulo, demonstrou o contrário. É a terra que se movimenta em torno do sol.

Além da luz que ele nos dá, permite-nos a visão das coisas, fornece-nos o calor necessário à vida dos seres animados.

Nos polos, se falta a luz do sol, há, em compensação, as auroras polares, que aclaram suficientemente os horizontes, tornando possível o trabalho do homem.

Ele foi objeto de um culto especial dos antigos. Os gregos adoravam-no sob a denominação de Apolo.

É o relógio dos pobres, marcando-lhe as horas de trabalho e de repouso.

A natureza parece triste no dia, em que ele não aparece.

Os passaros despertam para saudá-lo, os animais buscam os pastos verdejantes; os homens dirigem-se ao campo.

Enfim, com a volta do sol, pela manhã, tudo se reanima.

O trabalho recomeça.

Um incendio.

O incendio irrompera, com uma violencia assustadora. Sem dera tempo aos moradores do pedio para salvarem os bastes, que agora ardiam, em crebros e talidos.

Em breve, escalara o quartelão inteiro, disputando as construcções, palmo a palmo, as agéis lombos, que se faziam notar pela sua bravura espartana.

O povo pejava os passios, amedrontados, assistindo ao doloroso espectáculo.

De quando em quando, um fragor surdo e valava o desabamento de uma parede, ou de um tecto, com estremeamento dos presentes.

As linguas de fogo pareciam redobrar de violencia ao contact das columnas de agua que incessantemente joravam das mangueiras.

Rolos de fumaca erguiam-se no espaço, levando, na sua furia avoradada, fagulhas, que riscavam, de clarões vermelhos, a noite telamente negra.

Era um quadro ^{doutros} ~~ruinoso~~.

Quiviam-se choros e lamentos. Eram as pessoas que a desgraça atingira, roubando-lhes os tetos e as economias, accumuladas com longas cansaças e constantes privações. Naquella formallha ardente, que ^{ali} tinham diante dos olhos, ^{existiam} ~~eram~~ ^{plavam} a morte de todas as suas ilusões.

O futuro já se lhes desentava, negro e horrivel. Não podendo extravasar, em lagrimas a dor que lhes acompanhava o peido, outras haviam que se apresentavam sem os embes...

Um naufragio

As ondas apagam docemente a quilha que deixa, a sua passagem, uma esteira de espumas.

O céu é o mar se confundem, ao longe, no amplo horizonte. Duas imensidades que se estendem indefinidamente, a perderem-se de vista.

A tripulação se empenha no seu labor cotidiano, com a calma habitual das horas sem tormenta.

Resta a alguma dentro, a alegria dos que se vão, lentamente, aproximando do lugar de destino.

Gaiivotas riscam o ar, em vôo incerto, annunciando a perspectiva de terra, não muito longe.

Alguns passageiros sobem ao convés e procuram, com os respectivos binóculos, descobrir a costa, que margeiam.

O ar é transparente e puro. Apenas uma brisa mansa agita o cordame, num doce e abafado susurro.

Inesperado abate aranca a bordo da quella especie de entorpecimento em que decorria a vida a bordo, lançando-lhes na alma prazias funestas.

Surgem officiais recomendando calma aos passageiros, de quem começa a apoderar-se o pânico.

Nos alcáçõs, afadiga-se a equipagem em combater o perigo, arriando as presas bombas, que são impotentes para dar voz a

água, que entra em jorros. Outras medidas tendentes a evitar o alagamento, são postas em pratico, sem nenhum resultado. Os mineiros trabalham com água pelo jellho.

Compreendendo a inutilidade de qualquer esforço nesse sentido, surge a fúria da tripulação de capitão, que abandona o abandono do navio.

Senas indelicadas, desembalam-se, então, a bordo.

Pessoas, em desespero, abraçam-se, resolvendo morrerem juntas; outras erguem os braços ao ar, como a se despedirem de entes distantes, com grandes lamentos. Sem gritos e impudências, confundem-se com a voz solenne do capitão, que transmite as suas ultimas ordens.

Em poucos, são arreados os escaleres. Os mineiros recebem nelas, um pouco desordenadamente, os primeiros passageiros.

Na ansia de salvamento, ninguém quer esperar a sua vez. Há apertor e acotovelamentos, no Tombadillo, proximo ás escadas.

Passageiros mais arrojados atiram-se ao mar, munidos do necessario salva-vidas.

Alguns escaleres já deram, apostando-se do local, onde o grande transatlantico baloica ainda, afundando-se pouco a pouco, nas aguas esmeraldinas do oceano.

Publicas

Minha mãe

Na superfície dos seus olhos baços,
Toda candura de outros tempos mora;
É a mesma santa que no collo, outróra,
Tão docemente me apertava aos braços.

Do tempo a marcha, em vigorosos traços,
O seu cabello de ébano descora,
Curva-lhe o dorso levemente, e agora,
Tambem lhe causa dores e cansaços.

Tendo-a, tenho, feliz, o que desejo,
Pois nos seus olhos meu futuro vejo,
Como atravez do mais delgado véo...

Assim velhinha mesmo se revela
Tão meiga e bôa para mim que, nella,
Penso estar vendo minha Mãe do Céu.

I. Continho.

[Niterói, 11/10/1923. — "Mania má", 20/1/24.]

À minha netinha Branca,

Duco da etírea planura
Láto um berçinho, de leu,
Um anjinho de candura
Tão branco que imita a neve.

À casa a visita empresta
Amor e alegria franca;
As almas estão em festa
Com a chegada da Branca.

A mamãe sorri no leito,
- Juro, que belo presente!
Enquanto o pai, satisfeito,
Não cabe em si de contente.

As plagas do sul, distante,
A nova chega veloz;
Da alegria contagiante,
Vêvam também os avós.

Deus, pai de suma ternura,
Luce as águas e o vento acalme,
Te conserve sempre pura,
O' Branca, do corpo e da alma.

No meio de intensa vida,
Nos cheios de amor e fé,
Luce ver a neta querida,
Em breve, o vovô Bai.

Belo Horizonte, 5 de fevereiro de 1952

Ymael de Lima Cavalcanti

Vivendo do passado.

À janela, curvadinha,
Fêmeala, ra pobre velhinha,
Contempla a rua fronteira,
Mostra o lábio numa pracinha.
Até que o dia amarela,
Ali fica a tarde inteira.

A multidão que se agita
Nem soguor or olhos fita
Na infeliz, nor compaixão;
Vai passando indiferente...
Nas adivinha, nem sente...
Sua ali sopra um coraçõ.

Como tudo stã mudadõ.
Nenhum sinal do - passadõ,
Ora sombra permanecõ,
Ninguém, lhe veda a carcacõ,
Pensa ne densa da graca
Sua ali entrara vivem.

Ninguém lhe arbeca a histõria
De triunfos e de glõria,
No tumulto dos palãõ,
Na rua, quando passava,
A sangue sempre ficava
Um rasão de coraçõ.

Hoje sozinho mecosta
Em tanta coisa forita
Em passadõ, nos terra mias,
Sem alusõ, e sem morte,
Espera somente a morte,
Em parte fin aos seus dias.

M. P. da R.

[Mário Passos de Paula]

Testa espaçosa, e de cabelo fino,
Limpo, corado, a barba, traz em dia,
Conhece a fundo os métodos de ensino,
Como um gran-fino da pedagogia.

Usa veste "marron", tem lisa a tez,
Anje a beleza estética se inflama;
Além de professor de português,
Toda é também causidico de fama.

Sempre que escreve, mais o estilo apura,
~~sem ler e ouvir e, pois de arte;~~
~~Não se engana nas leis da matemática;~~
Se, por ~~acárra~~, faz literatura,
Não despreza os preceitos da gramática.

Dentro das classes, é geral a crença:
-Ninguém os olhos da lição desvia;
Cada frase que diz, cada sentença,
É um primor raro de ourivesaria.

Com as pequenas travessas nunca "enfuna",
Compassivo se mostra aos seus senões;
Dêle me disse, há dias, uma aluna:
"Eis o samba da língua de Camões."

A seu respeito, na secretaria,
Ouví dizer, não creio na versão:
Que, apesar de ser rico, tem mania
De só roupas fazer a prestação.

Em vigílias e setudo a vida passa,
Erguendo acesa da instrução a tocha;
De um ditador de Roma tem a "graça",
O pena ousada, que já quer ser rocha!

Ismael de Lima Coutinho.

Olha: As aroeiras ^{estão} florindo em rosas,
São centenas das estações os gelos.
Com a rapidez das minhas mãos nervosas,
Apagarei Teus fulgidos cabellos.

Cumprerei os Teus intimos desejos
Sem a publicae te conhecerá.
Pois as calor fremente dos meus beijos
Tudo o teu corpo se renovará.

Quando multiplicar-se o jardim,
Passim iremos pela vida afóra;
Quando nos labios um perfume ris,
Quando no peito uma perpetua aurora

E quando um dia, á margem de um estremo,
A morte espalme, sobre nós, sem véo;
A minhha alma com a tua entrelaçada,
Ambas lil entar subivã as céo.

Journal Contub.

8/5/27

Olha: As aroeiras ^{estão} florindo em rosas,
São centenas das estações os gelos.
Com a rapidez das minhas mãos nervosas,
Apagarei Teus fulgidos cabellos.

Cumprerei os Teus intimos desejos
Sem a publicae te conhecerá.
Pois as calor fremente dos meus beijos
Toda o teu corpo se renova.

Quando multiplicar-se o jardim,
Passim iremos pela vida afóra;
Quando nos labios um perfume ris,
Quando no peito uma perpetua aurora

E quando um dia, á margem de um estremo,
A morte espalme, sobre nós, sem véo;
A minhha alma com a tua entrelaçada,
Ambas lil entar subivã as céo.

Journal Contint

8/5/27

Quando o teu braço, preso no meu braço,
Formos pisando o leito do caminho;
Um céu mais lindo correrá no espaço,
As próprias aves cantarão nos raminhos.

É o pastor que nos viu, à luz do poente,
Em jubilo, juntamente cantar,
Há de dizer comigo, intimamente:
São dois brancos pombinhos a viver,

É serei para Ti, neste segredo,
Toda maior, talvez, do que doys;
Farei que a água ename do rochedo
É que a terra floresça, aos novos pés.

Se a fadiga prostrarte
Se ~~refuzar~~ ~~debaixo~~ da jornada
É um instante, quizes descansar,
Serão meus braços uma rede amada,
Onde fossas, querida, repousar.

É cantarei balladas amorosas,
É pastoras com tão sentido estro,
Em, olhando o céu, as briscalar das rosas,
Tu, finalmente, pegarás no somno.

Os arbros todos, de longínquo espaço
As tuas faces ficarão a vê-las;
Do teu somno tranquilla, em meu regaço,
Terão mirra e as pallidas estellas.

Amor e recato

Nas minhas phantasia de estudante,
Souho-te junto do meu coração;
Mas se acaras me fitas o semblante
Volvo ~~embriada~~, os olhos ^{confusa} para o chão.

Se te descubro num lugar distante,
Busco um motivo de aproximação,
Mas se te vejo, nesse mesmo instante
Fico cheio de immensa confusão.

Este amor, que me traz sempre enlevado,
Evere guardar com o maximo cuidado,
— Do coração nos intimos reflexos...

Entretanto
~~do entanto~~, apesar do meu recato,
De que descubras este amor, eu creio
Que já o adivinhaste nos meus olhos.

J. Coutinho

Amor e recato

Nas minhas phantasia de estudante,
Souho-te junto do meu coração;
Mas se acas me fitas o semblante
Volvo ~~embriada~~, os olhos ^{confusa} para o chão.

Se te descubro num lugar distante,
Busco um motivo de aproximação,
Mas se te vejo, nesse mesmo instante
Fico cheio de immensa confusão.

Este amor, que me traz sempre enlevado,
Evere guardar com o maximo cuidado,
— Do coração nos intimos reflexos...

Entretanto
~~do entanto~~, apesar do meu recato,
De que descubras este amor, eu creio
Que já o adivinhaste nos meus olhos.

J. Coutinho

* * *

Este amor fatal que me envenena
Os tristes dias que na terra passo,
Quero immortalizal-o, como o verso,
Com um simples raso genial da penna.

Por te encontrar, ao fundo da geherna,
Descerei animoso e sem casaca,
Sem necessito de Virgilio o 'braco
Se te procuro, o' timida morena.

As teu olhar, reconhecido e amado,
Esquecerei todas as dores, tudo,
As afflicções que agora me consomem...

Mas me debato num recio extremo:
- É que encontrar-te, no outro mundo, temo,
Embracada nos braços de outro homem

J. Lourenço

B. Horizonte - 30-12-1926 -

Saphinge

tinges que ignoras o meu sofrimento,
Voh care Todd ou de minha disfada,
E me de encontro, Tem o alacant
De os Tem olhos abren para a colgada.

O Tu desprezo, que é o meu Torment,
forma-me a vida impida e ferada,
foi não te ~~apare~~ o funebre ~~plumens~~
Dele meu coração em tua estrada.

Je apoi a tua morte alguma diver
Tua era o Tu corpo esbello de mulher,
Das leis, uma completa abençoção...

Mã Terei os corrim da devesena
Que era um signal - a tua indifferença.
De que nunca fivente coraçõs,

V. Bonfink

13. Horigant, 25-12-225

A. H. L. F.

Nunca, quando no peito a fé dos crentes,
Nunca a duvida em mim achou guarida,
Porém a perquirir consumo a vida,
Por que nos criou Deus tão diferentes?

Quizera Ter nos labios, innocentes,
Os mesmos risos que Tu tens, querida;
Loffrer os males da presente vida
Com a coragem indomita que os sentes.

Deus que me deu esta paixão immensa
Por ti, deu-te o punhal da indifferença
Com que os meus dias ^{longos} ~~perjuando~~ vão...

Por que podendo, lá do céu profundo,
Fazes-me o homem mais feliz do mundo,
Faz-me o mais desgraçado dos mortaes?

J. Cortin

[B. / Horizonte, 27-12-926]

Secretaria das Finanças do Estado de Minas Geraes

DIRECTORIA DA RECEITA

.....: SECÇÃO

INFORMAÇÃO

Quando o teu vulto passa.

Quando o teu vulto, delicado e airoso,
Nae, distraído, atravessando a praça,
Há sensações interminas de gozo,

Quando o teu vulto
Pequeno passa.

Quando o teu vulto, que perfuma o ar,
Os seus encantos, rápido, evadase,
Há movimentos céleres de olhares,

Quando o teu vulto
Pequeno passa.

Quando o teu vulto, esquin de senia,
Dos labios virgens mostra a rubra taça,
Há corações sangrando pela arcia,

Quando o teu vulto
Pequeno passa.

Quando o teu vulto, sorratino e leve,
Das formas bellas o esplendor devarsa,
Há tanta coisa!... que se não descreve,

Quando o teu vulto
Pequeno passa.

J. Coutinho

B. Horizonte, 25-12-926